



## Pelas estradas militares de Flandres

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Repub'lica, 91  
BRAGA

CONDICÇÕES D'ASSIGNATURA  
(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias* — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador  
acresce o importe das despesas.

*Extranjeiro* — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 164

Braga, 19 do agosto de 1916

Anno IV

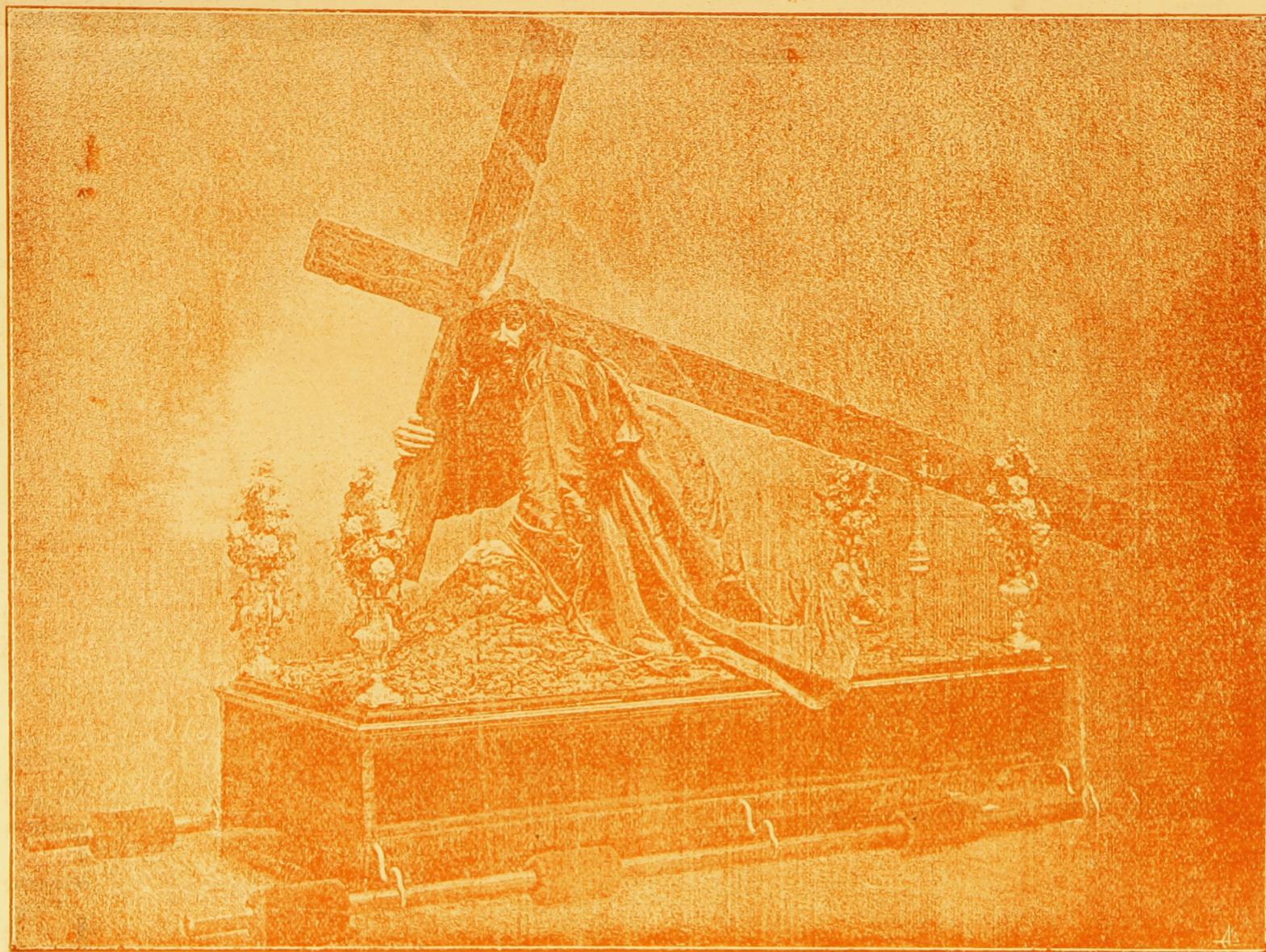
**Ornamentos de Igreja da Casa Estrella**



Officinas d'Escultura e Talha religiosa  
em madeira, marfim e massa

CASA FUNDADA EM 1874

As  
maiores  
officinas  
do Paiz



Pecam  
catalogo  
illustrado  
com 143  
gravuras

Specimen de uma escultura em madeira

**PORTO**

Rua do Bomjardim 85 a 89 e rua de Santo Antonio 59 a 63

**GUARDA**

Representante e depositario CASA LUCENA—Rua Hellodoro Salgado



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

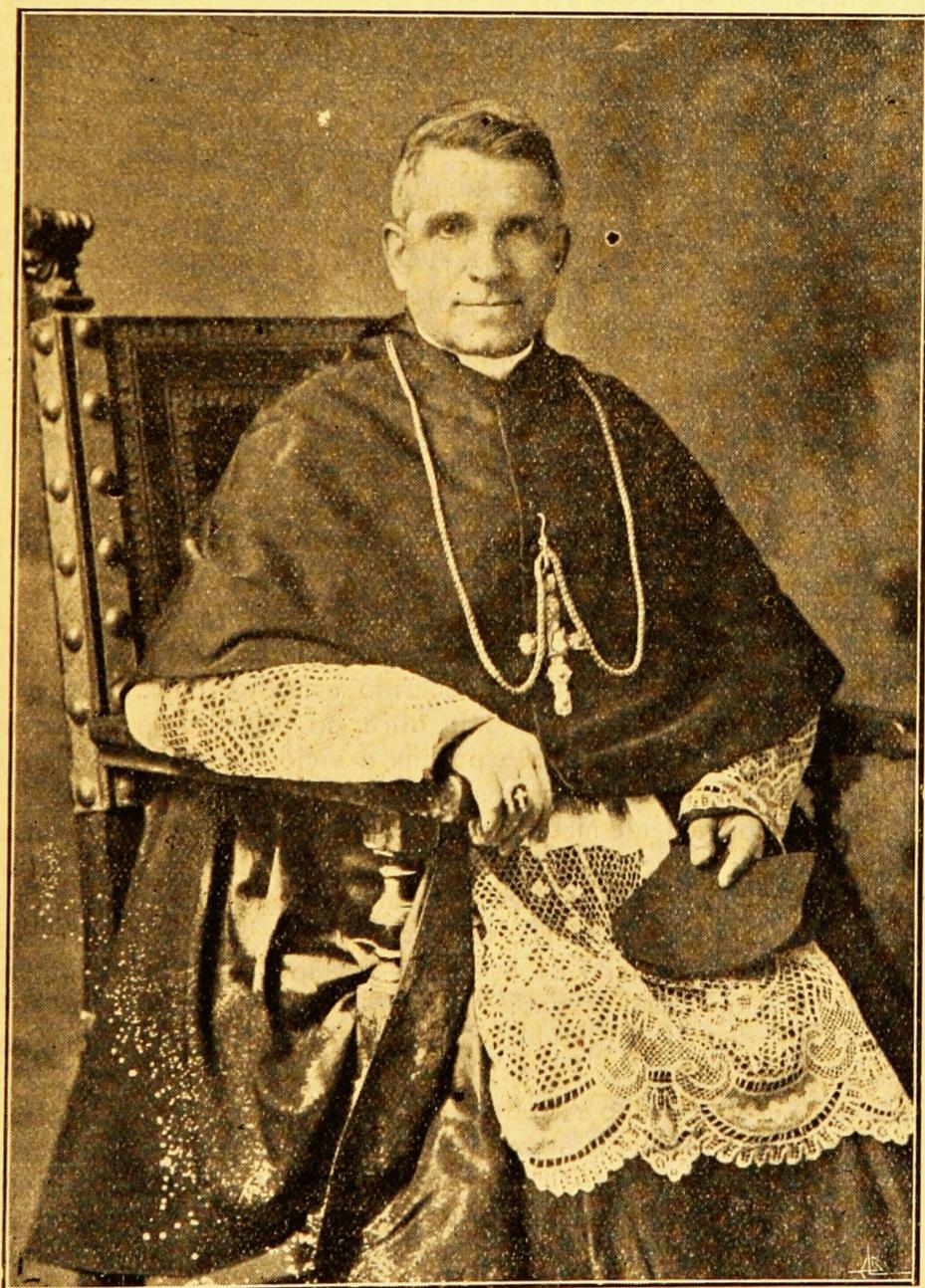
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 19 de agosto de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 164—Anno IV



Em.<sup>mo</sup> Cardeal Sebastião Martinelli

Nasceu em S. Anna, archidiocese de Lucca, a 20 de agosto de 1848. Creado cardeal em 15 de abril de 1901  
Prefeito da S. Congregação dos Ritos

(Phot. Cav. Felici)

# CHRONICA DA SEMANA

## Anotações

**T**ornei a encontrar em Espinho o vivo retrato dos nossos males, cara rapada, posições afeminadas, o collarinho a suprir a volta, o fato de côr, a badine... O retrato completo, pois até ao fallar, pevidosamente ia notando e aconselhando coisas de embasbacar os leigos que o ouviam, citando para reforço a sua vida de Lisboa. É a certa altura:

—...Depois, tive de ir dizer missa!

Os senhores, perdoem-me também este ligeiro esboço. Mas a vida é feita de contrastes e nós, os que por ahí andamos na rebusca do trigo e na denuncia do joio, hemos de valer-nos d'elles, dos contrastes, para, sobre os negros fundos dos quadros, repuxar em côr, em vida, em clareza e harmonia as lições christãs da hora que passa. E alli, a meu lado, tinha eu um bello exemplo a rebater aquelle, de ignominia. Era um excellente padre da Beira, vindo a tractar-se, e que mantinha no meio falso do que hoje se chama *vida de praia*, sobre tudo das praias populosas, a dignidade, do sacerdocio catholico; era ainda um punhado de rapazes crentes que tem dedicado a flôr dos annos á altissima missão de defender a pureza dos costumes, demonstrando-a, e a propagar a bõa semente da fé!

Porque nem só as *côteries* dão cabo dos trabalhos e esforços generosos; porque nem só a falta de caridade cria aberrações e dissidios que se poderiam evitar; porque nem só as traças dos corrilhos, comprazendo-se em inutilizar figuras tão necessarias n'um paiz em que tão pouca gente se dedica com amor aos deveres para com Deus e a Sua Igreja, faz retardar a marcha das nossas ideias; porque nem só a carencia de bom senso desvia do verdadeiro trilho da prudencia, o nosso carro. Ha alguma coisa, mais, que invalida os mais energicos, desgosta os mais ingenuos, e deleteriamente produz sobre o espirito do povo uma influencia de sugestão, impede que os bons obreiros de Deus o dominem e conquistem para a verdade: é a lassidão dos dirigentes em não corrigir os que erram, porque callar a voz diante do erro é um crime, e muitas vezes, muitas, não se tem comprehendido que o povo quér sempre que lhe deem o representante d'uma ideia, e se ella é pura, puro deve sêr quem a symbolise, para que os principios não decaiam das esferas luminosas e superiores onde adejam.

Cortemos cêrces os maús rebentos que distrahem a seiva do tronco rugoso da vinha, ou corriamos o arbusto que em vez de subir para o céu, recurva a haste, como decrepito ou fomentemente fascinado, para a terra.

Levára eu para relêr na viagem aquella admiravel *Autopsia* de Senna Freitas, á *Velhice* de Junqueiro, e ao regressar, puz-me a fixar longamente as palavras de oiro e de ferro candente com que o grande e querido escriptor discrimina o bom do máu catholicismo, passando em revista a esplendida obra do primeiro na vida, e indo accossar dos fojos da hypocrisia ou do descaró— porque o vicio tem por vezes a fatua vaidade de desafiar a garra do escandalo— a monstruosidade viscosa do segundo.

Ao fim da leitura longamente meditada, eu tinha a real visão do mal da minha patria recordando as scenas mil a que assistira. Aparecia-me, como tantas vezes me apparece, a grande obra de educação christã a fazer, a levantar n'este paiz, pensava no quanto um forte alento moral lhe é preciso para elle resistir ás provações que o espéram.

Disse-me ha dias alguém vindo de assistir á sessão do Congresso, como correligionario dedicado do ministro das finanças:

—... Não ha duvida: dentro de dois mezes o máximo, partirá o primeiro contingente de tropas para França:

Atravessou-me o espirito então a irrefragavel ideia de que nós os crentes devemos de ajudar os soldados que vão sacrificar-se, as familias que ficam sem amparo, as lavoiras que não terão braços para o cultivo, crear enfim a grande obra da caridade da guerra. É preciso, é preciso pensar n'ella muito a sério, preparál'a, não deixar para a ultima hora esses esforços que demandam dedicações applicadas com método e com ordem. O Estado parece estar tratando da obra de assistencia geral. Façamos nós a assistencia local. Compenetrados d'este dever, deixemos zoar as diatribes, dos esturrados jacobinos. *Ninguem* pode ter uma só prova sequer, de que o catholico portuguez não seja patriota. Não sahiu ainda nem sahirá nunca da sua bocca uma palavra de traição antes todos os louvores para o soldado.

# Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

## Madrugada

Já tarde, deixamos o *club* irritados. O meu amigo T. batia nervosamente com a ponteira da bengala no asfalto da rua e invectivava-me furioso;

— «É demais. Devia ter dito, avisado . . . Devia, sim, desmascara-lo».

Tentei calmar aquelles nervos, tranquilisar aquella indignação mas francamente irritava-me, tambem, aquelle imbecil do Gibson, solemne, magestoso, adulado, querido de todos — a reputação tão impolluta como o peitilho impeccavel da camisa, onde uma perola esmorecia languida—com as suas trapaças, as suas porcarias ao jogo. T. continuou:

— «Não, não me convence. Se vi! Duvidava ha muito mas esta noite, vi, vi como Você. É' nojento». Tomei-lhe o braço e fomos rua acima discutindo. Amanhecia. O ceu muito azul como uma enorme turqueza, ainda mordido d'estrellas, avermelhava longe, nos primeiros clarões; gente humilde passava silenciosa, feliz, para o trabalho; cruzavam os primeiros carros; echoavam longinquos os primeiros pregões. T. tinha razão. Aquelle homem que a sociedade recebia, adulava, preferia, não passava d'um ladrão. Toda aquella elegancia era uma mascara; aquella correcção, aquelle snobico mundanismo, uma simples defeza. E custava ver toda a gente fascinada, mimando esse estrangeiro que ninguem sabia d'onde tinha vindo e que de golpe conquistara uma situação, com os seus automoveis, as suas *toilettes*, as suas extravagancias. Aquelle homem que a cidade inteira respeitava, que frequentava todos os *bridges*, que não perdia uma *première*, que era desejado em todas as casas, aquelle homem frio, impeccavel, que attrahira todas as amisades e forçara todos os salões não passava d'um aventureiro perigoso, tanto mais perigoso, porque conhecendo a vida soubera impôr-se, soubera dominar, lisongeando uns, desprezando outros, adulando, ferindo. Era preciso desmascara-los e T. gesticulava berrendo irado, do mundo, da facilidade com que hoje se recebia fôsse quem fôsse. Do pateo d'uma igreja, ainda fechada, veio até nós um rapasito esmolando. Tinha fome — dizia — muita fome. Ha dois dias que não comera! E chorava, supplicava, insistia. Na nossa obsessão não poderiamos ver aquella miseria desattendida, justa, só a figura repugnante d'esse *gentleman* gatuno, que deixaramos trapaceando no club nos preocupava. T. sem ouvir, insistiu:

— «Hoje está tudo mudado, tudo. No meu tempo não se recebia assim. Não se abriam os braços e as portas com tanta facilidade. Mas hoje! . . . Basta uma casaca bem feita e um automovel. Contentam-se com pouco! Surge por ahi um homenzinho qualquer. Ninguem o conhece, ninguem sabe d'onde veio. Vive n'um hotel caro, tem automovei, cavallos, extravagancias. É' sufficiente. Dez, doze dias depois, de ter corrido a cidade no seu carro, de ter apparecido nos theatros,—notado, salientado, pelos cavallos, pelos fatos, pelas extravagancias, adjudica-se-lhe uma fortuna, inventa-se-lhe um romance, classifica-se d'homem d'espirito, de *gentleman*, de leão e os paes sorriem-lhe na possibilidade deslumbradora d'um genro rico, os rapazes abraçam-o na certeza d'um passeio d'automovel e d'um optimo jantar. E o homenzinho está lançado. No estrangeiro seria necessario um castello e um *yatch*; aqui contentam-se com uma *charrette* e um quarto no Palace. Aventureiro ou não, avaliam-lhe o character pelo córte dos fatos, as qualidades pelo conforto da sua limousine.» Chegamos ao largo. Um magote de povo descia clamando. Um policia, gordo e severo empurrava, entre pragas, uma creança. Era o mesmo rapazito loiro e anemico que nos abordara. Caminhava tremulo, chorando, os olhos espantados, os cabellos em desordem. O seu crime fôra o roubo d'um pão. A fome apertara e desattendido, enxotado de todos, não resistiu. Pobre creança!

O policia empurrava-o feroz para a esquadra proxima e d'ahi a sociedade não menos feroz, toda escudada na lei e nos principios, empurra-lo-hia paternalmente para o tribunal, para a cadeia, para a sinistra aprendizagem do crime. No outro lado da rua Gibson envolveu-se no magote e magestoso, solemne, cheio de indiferença e de nojo interrogou o policia.

— Um gatuno . . . contestou severo o agente d'auctoridade. — Começa eedo meu fidalgo — e desbarretou-se respeitoso.

— Corja — disse Gibson. E sem um olhar, sem um geito de piedade seguiu triumphante rua acima . . .

# ESTELLA

POR JOSÉ AGOSTINHO.

(A' Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Esperança Gomes d'Alpoim)

Cadaverica, tussindo muito, com os olhos vidrados de febre e lagrimas, Estella meditava deante d'aquelle panorama triste: em frente os cyprestes altos do cemiterio; lá baixo a aldeia, afogada em tons de ruina, despidas as arvores pelo outomno; e no fundo, negras, áridas, tumulares, as ramificações onduladas da serrania, bruscaros de pinaros e gargantas.

Viu-me fita-la, leu-me no rosto a piedade, e fez-me signal com a mão direita, de marfim, levantada em ar de supplica, n'um tremor de anemia.

\*

—Chamou-me, minha senhora?

E ella, em voz debil, sorrindo como uma serena agonia que se esforça por ser vida ainda:

—Chamei. Não o conheço. E' a primeira vez que aqui passa. Mas a sua piedade apresenta-me a si, tão bem como o faria minha mãe, se fôsse viva e o conhecesse. Oh! minha mãe!

—Minha senhora. . . —bulbuciei transido.

—Bem sei. Julga-me uma romantica, a imitar affectadamente a Julia do *Raphael* de Lamartine. Pois, seja como fôr, dou lhe uma feliz noticia: vou morrer. Desfizeram-se-me os pulmões. A minha voz o diz. Perdi todo o sangue. Veja o meu rosto, as minhas mãos, estes ossos agudos. . .

—Fatiga-se, minha senhora. . .

—Não: agoniso, o que é o mesmo que estar perto da resurreição. Mas, por piedade, uma esmola. Vejo que se compadece de mim. Pozeram-me aqui no êrmo com uma velha empedernida. Ella é quem manda n'esta ruina. E eu queria morrer com o conforto da Igreja. Poderei esperar da sua bondade, que me vá chamar um padre?

—Oh! minha senhora, mas já! . . .

—Não é longe. O reitor mora lá baixo, n'aquella casinha branca. Se fôsse depressa, a velha não veria, não me estorvaria, porque só vem pela noite alta, cheia d'aguardente. . . e obscenidades e odios.

\*

Uma hora depois, confessada e sacramentada, tornava a sentar-se cá fóra, banhada de luar, um luar que vertia lagrimas como se fôsse uma creança muda.

O reitor fallava-lhe ainda em Deus.

Eu ouvia-o e contemplava a moribunda, que arfava muito e tussia.

E, de repente, n'uma grande angustia, ella tomou a palavra, espumando sangue, mas sorrindo ainda:

—Não imaginam a felicidade de soffrer. . . para morrer. . . Ao senhor devo-lhe tudo. Trouxe-me o ministro de Deus. . . Devo-lhe tudo. Espero dever-lhe mais a bondade de me receber, com este santo sacerdote, o ultimo alento.

O luar dava-lhe á face um tom de madreperola. Os seus olhos parecia funebrisarem-lhe toda a physionomia. Arquejava como um luctador estrangulado, o peito a sibilhar, os labios exangues. Mas tornou:

—Deve querer saber a minha historia. E' simples. O meu confessor sabe-a. . . Rogo ao santo sacerdote que lh'a conte. . . Oh! eu já não posso. . . não posso.

E, afogada na repentina hemoptyse que borbotava, descahiu toda sobre os nossos braços tremulos, d'olhos muito abertos e lacrimosos.

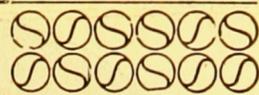
—*Requiescat in pace!* murmuramos, cobertos de lagrimas que o luar convertia em perolas ardentes. E o sacerdote disse então:

—Historia breve. Casou. O marido, um libertino, divorciou-se d'ella, calumniando-a de adultera. E desterrou-a para aqui, dando-lhe como serva uma megera, uma das alcaio-tas d'elle. A lei do divorcio permittiu tanto horror. Este desterro accitou-o ella submissamente como se fôsse culpada. Uma santa-martyr.

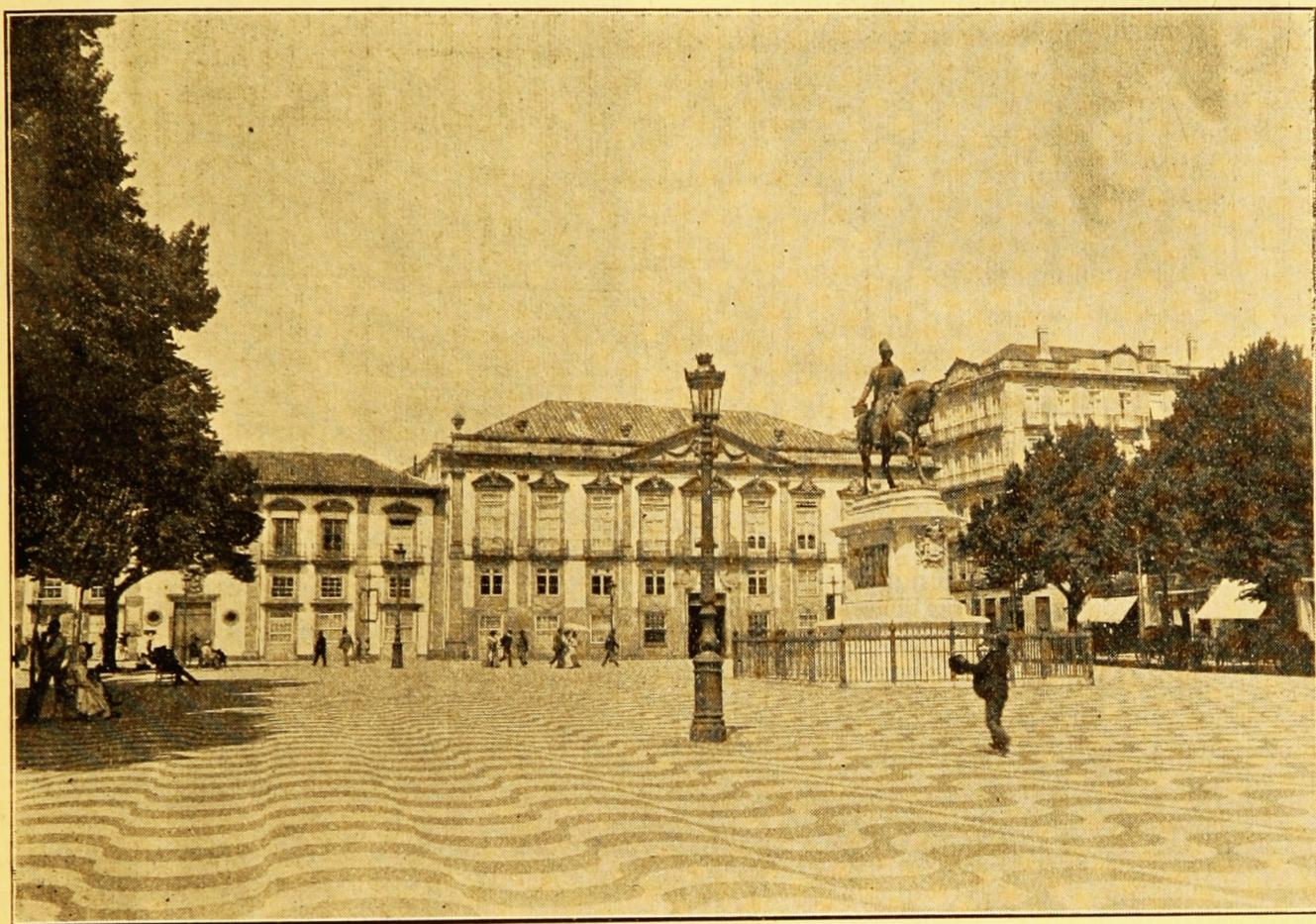
E, cahindo de joelhos ao meu lado, o bom reitor repetiu, beijando as mãos transparentes da morta:

—*Requiescat in pace!*

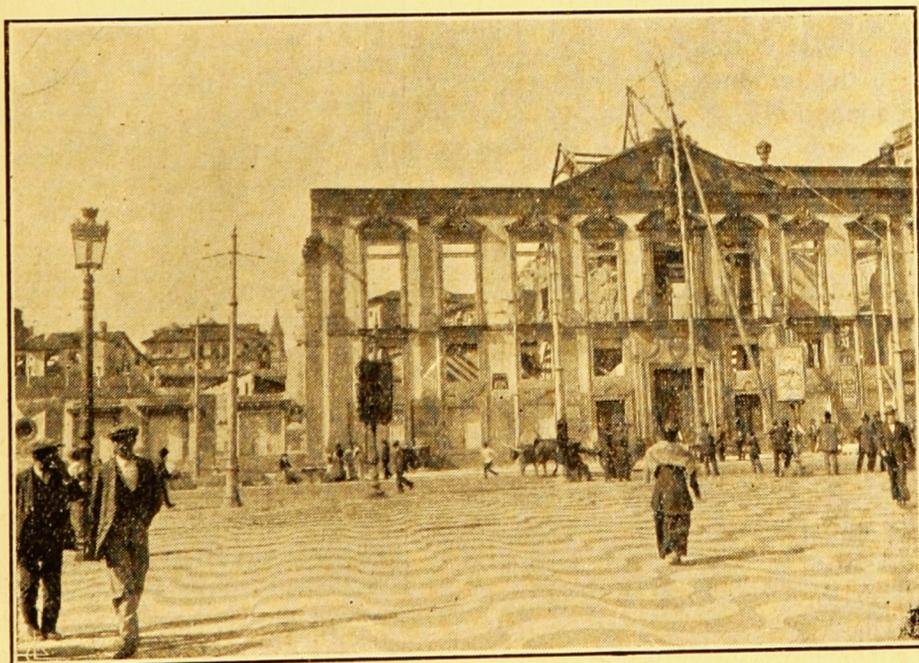
NOTA—No numero passado sahio errada a dedicatoria: D. Esperança Gomes d'Amorim, em vez de Alpoim e o verso—*Mal a vi sorrir ainda* e que sahio—*Não a vi sorrir ainda*.



## (I) Porto modifica-se



*O antigo edificio da Camara Municipal do Porto*



*O edificio em demolição para se construir a nova avenida*

(Prova cedida pela Tabacaria Alberto Ferreira—Porto)



Os noivos

Na igreja parochial de S. Nicolau em Mezão-Frio, realizou-se o enlace matrimonial da snr.<sup>a</sup> D. Maria de Souza Sampaio, filha do fallecido snr. Maximiano Correia de Sampaio e da snr.<sup>a</sup> D. Claudina de Sousa Sampaio, com o snr. Alvaro Miranda Guedes, filho do snr. Dr. José de Miranda Guedes, digno sub-delegado de saude n'aquella mesma villa, e da snr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição da Silveria Pereira Raro.

A noiva é uma gentilissima menina, possuidora de uma educação esmerada e o noivo é um intelligente moço.

## A PARTIDA

Quem inventou a partida  
 Não sabia o que era amôr:  
 Quem parte, parte sem vida,  
 Quem fica, morre de dôr.

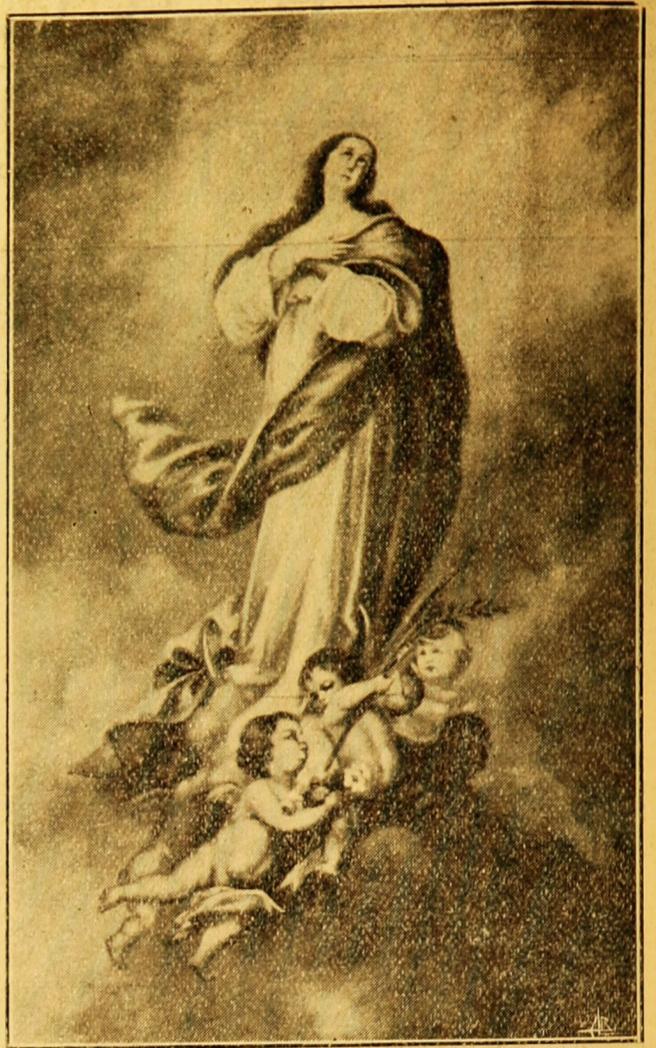
Popular.

Um dia, em voz commovida,  
 Lembrando da ausencia o damno,  
 Disse eu: foi bem deshumano  
*Quem inventou a partida!*  
 Custa muito a despedida  
 A quem ama com ardôr.  
 Traz sempre duro amargôr,  
 Mesmo um breve apartamento;  
 — Quem se riu, em tal momento,  
*Não sabia o que era amôr.*

Sofre mágua bem sentida  
 Quem se ausenta com saudade;  
 Pode dizer-se, em verdade;  
*Quem parte, parte sem vida.*  
 Pois fica a gente embebida  
 No mais cruel dissabôr!  
 — O' destino aterrador!  
 A tua dureza acalma:  
 Quem parte deixa a sua alma,  
*Quem fica, morre da dôr!*

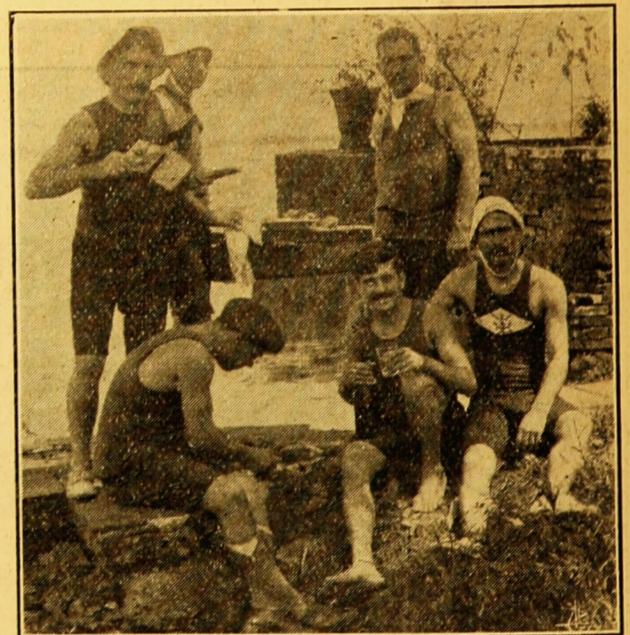
Arouca.

CARLOS VAZ PINTO.

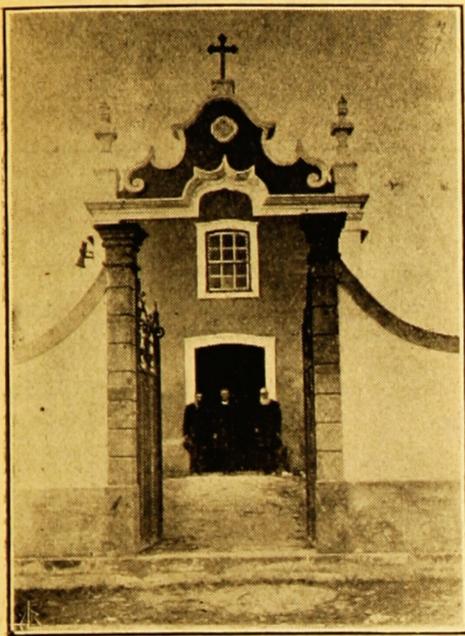


A Immaculada Conceição  
 Murillo (Prado, Madrid)

Quadro a oleo de Rebello Junior, offerecido a S. Ex.<sup>a</sup> e Rev.<sup>mas</sup> o Snr. D. Antonio Barroso, venerando Bispo do Porto, por occasião do seu Jubileu Episcopal



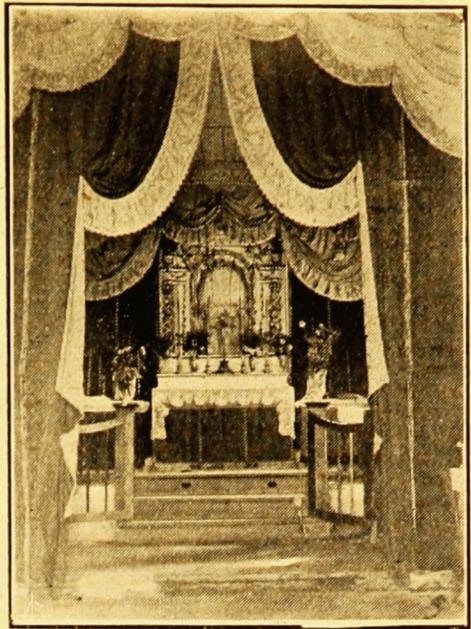
Brazil — Um grupo da Secção Nautica na occasião d'um passeio ao «Una» nos arredores da cidade de Belem, á margem da Bahia do Guajará  
 Da esquerda; em pé: José de Sepulveda Ferreira, Rabêllo e Rolla.  
 Da esquerda, sentados: Coelho, Silva e Reinaldo Rocha.



Fachada da capella de S. Thomé, onde se realisou a festividade

guezia snr. padre Antonio dos Santos Pato, recorreu a uma capella privada da familia do snr. Acacio Rosa, onde se venera S. Thomé, no lugar de Verdemilho, e ahi tem realizado todos os actos do culto.

Este anno, no dia 30 do mez findo, foi imponente a festa da primeira communhão. A concurrencia foi numerosa a todos os actos religiosos tanto de manhã como de tarde.



Interior do templo no dia da festa

## A primeira communhão na freguezia de Aradas

Na freguezia de Aradas, do concelho de Aveiro, por ordem da respectiva Junta de Parochia, conserva-se fechada a Igreja Parochial. O snr. vigario d'aquella fre-



Grupo de creanças que realizaram a 1.<sup>a</sup> communhão. Ao fundo., o snr. padre Antonio dos Santos Pato e os seus auxiliares snrs. padre José Maria de Souza Marques e José d'Annuniação Kocho. que proferiu uma bella ollocução.



1.<sup>o</sup> plano, da direita para a esquerda: — Snrs. Bernardino da Costa e Albino das Neves da Costa e Souza. 2.<sup>o</sup> plano: — D. Maria da Conceição Ferraz Cortez, D. Maria Laura Campos Paiva, Antonio Lopes, actor Eduardo Brazão e dr. J. Diniz da Fonseca, D. Delphina Ferraz Cortez e D. Herminia Campos Paiva. 3.<sup>o</sup> plano: — D. Maria Rita Caldas, Carlos V. d'Araujo, Julio de Lacerda, Joaquim M. Pinto, Carlos Marques, F. Gonçalo e D. Maria Assumpção Vianna.



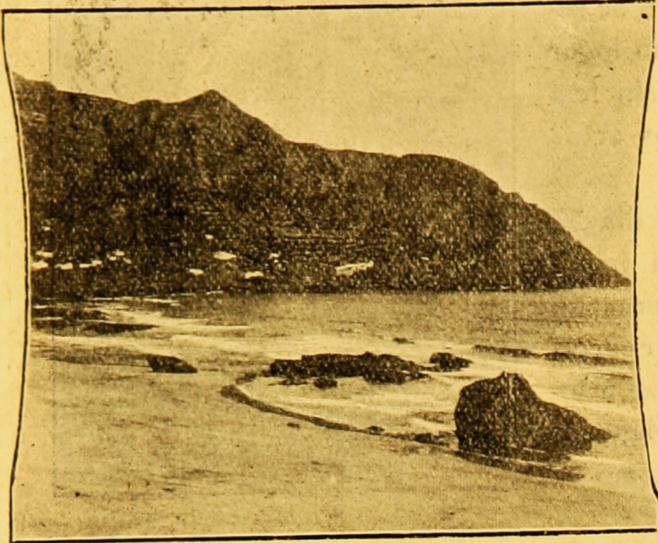
## Brilhante Sarau

Realizou se no Salão da Associação Catholica do Porto um brilhante sarau promovido em favor da Liga da Boa Imprensa aos Pobres.

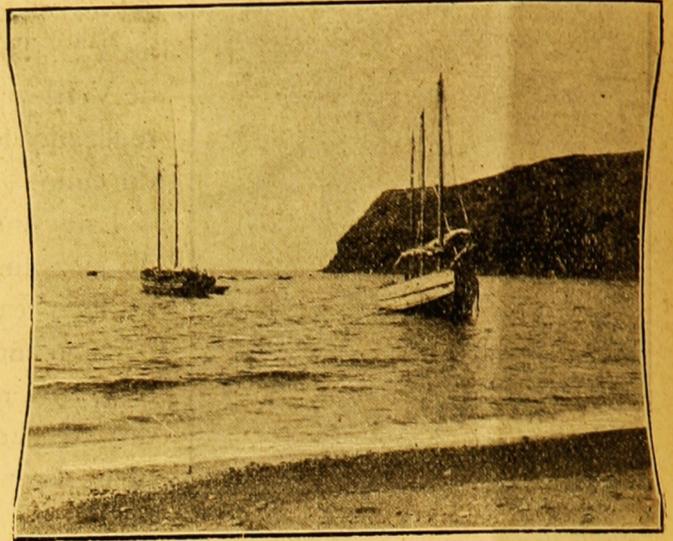
O desempenho não podia ser melhor, nos côros e parte scenica, não fallando já na magnifica conferencia do Dr. Diniz da Fonseca sobre *A mulher e o jornalismo* e na cooperação simples porém muito admiravel do grande actor Brazão.

Para o luzimento d'este sarau, de cujos collaboradores damos uma excellente photographia, muito e muito contribuiu o snr. Antonio Lopes, brilhante artista.

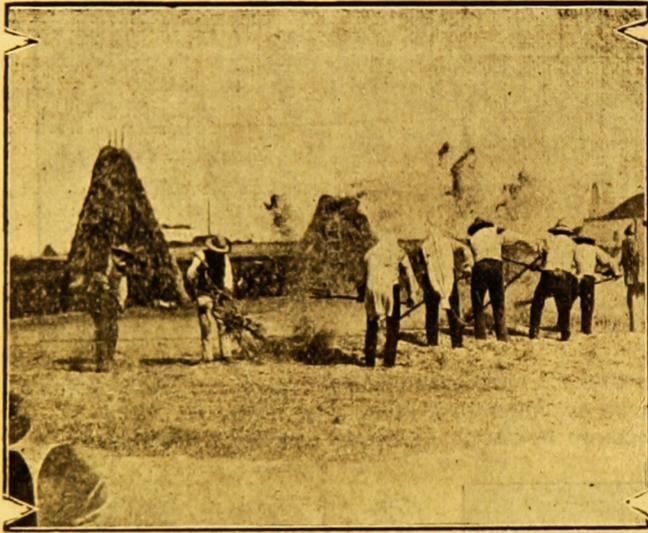
# Ilha de Santa Maria nos Açores



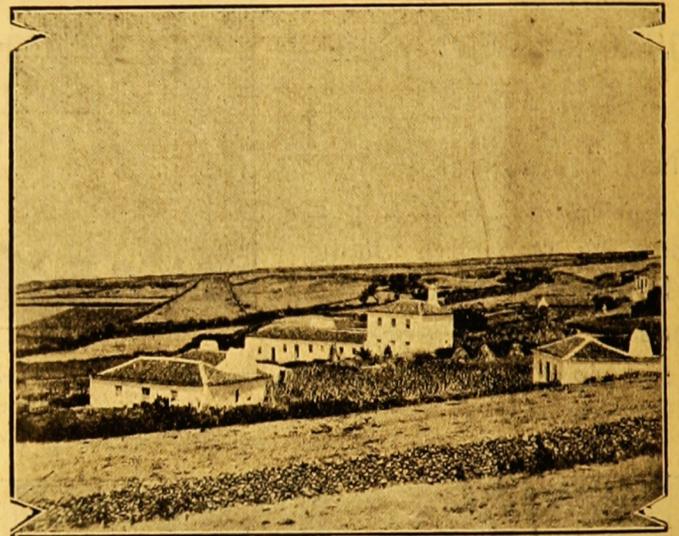
*S. Lourenço—Ilha de Santa Maria—Areal e bahia*



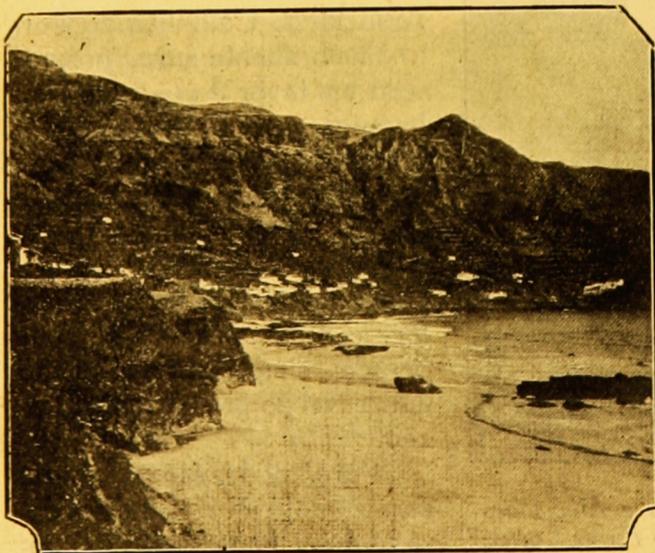
*Villa do Porto—O porto*



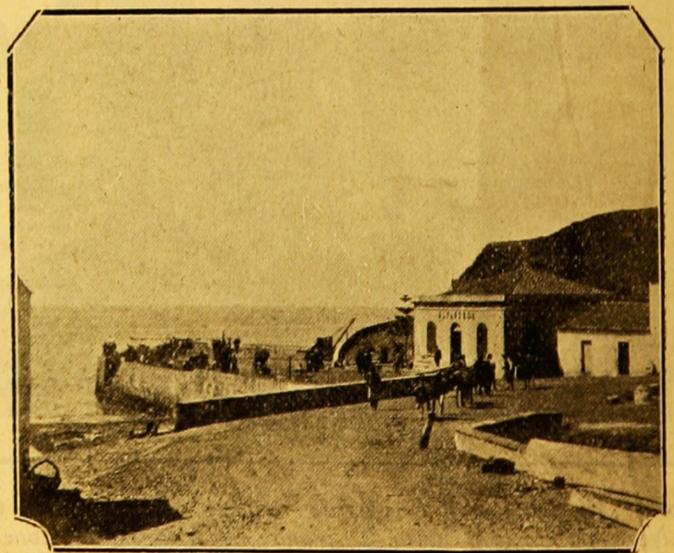
*Costumes agrícolas—Limando o trigo*



*Sítio das Covas—Logar onde varios lavradores encelleiram os cereaes em covas*

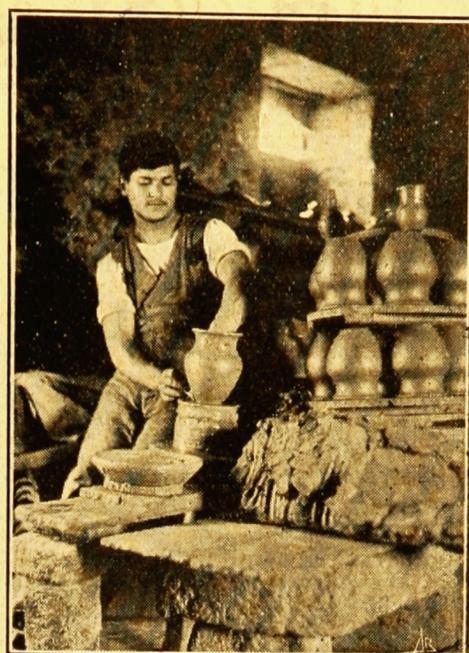
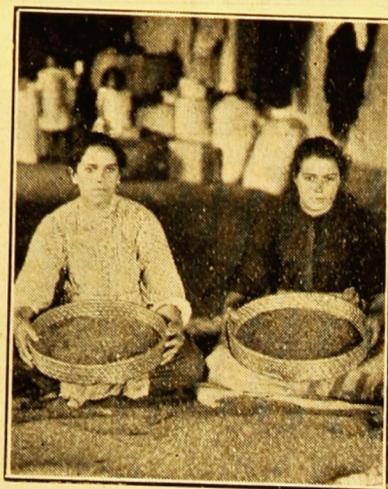


*Bahia de S. Lourenço—Areal e praia de banhos*



*Caes e porto da Villa do Porto*

*(Phot. amator Laureano Monteiro).*



*Peneirando o trigo*

*Ceramica manual  
Trabalhando*

*Costumes — Traje de labrega.*

*A menina Brigida, filha do sr. Laureano Monteiro  
que gentilmente ofereceu estas photographias*

## O nosso exercito



*Manobras de artilharia—No acampamento em descanso*



*Apoz o fogo*

## Aviadora americana

Miss Katherine Stinson... os leitores veem-na com a insinuante esbeltez das norte-americanas. Cabellos louros, muito grandes, olhos claros, azues, e quasi creança ainda.

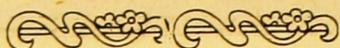
Deu-lhe a yanquissima tineta, a tineta d'essa terra extranha e bizarra, em ser aviadora. É aviadora não de collarinhos e punhos como alguma caixeirinha da 174.<sup>a</sup> avenida, mas aviadora á Wright e Pegoud, aviadora de atrevidos vôos e de 'looping the-loop.'



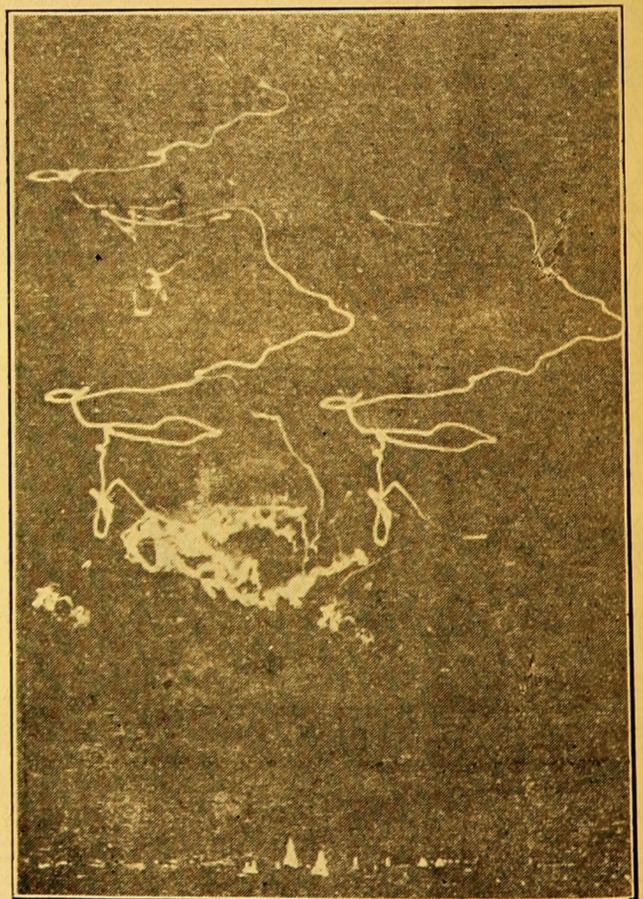
*Miss Katherine Stinson, a rainha do espaço, que realizou atrevidos vôos de Looping-the-Loop, em Nova York*

Miss Katherine deu á sua vida uma emoção de vertigem e loucura, o que, aliás, é o caracter dominante, integral, nitido da epocha presente, toda ella vertigem e loucura. É como se não bastasse o cabriolar nos ares, como mimalhinha que salta a corda, o aeroplano que dirige faz durante a noite os seus funambulismos, queimando foguetes e fogos de bengala. Disse que queria demonstrar como é possível bombardear uma cidade. Acreditamos, Miss Katherine, acreditamos: —pena é que tão irrefutavelmente proclamem essa verdade Reims, Veneza e as terras do condado de Kent.

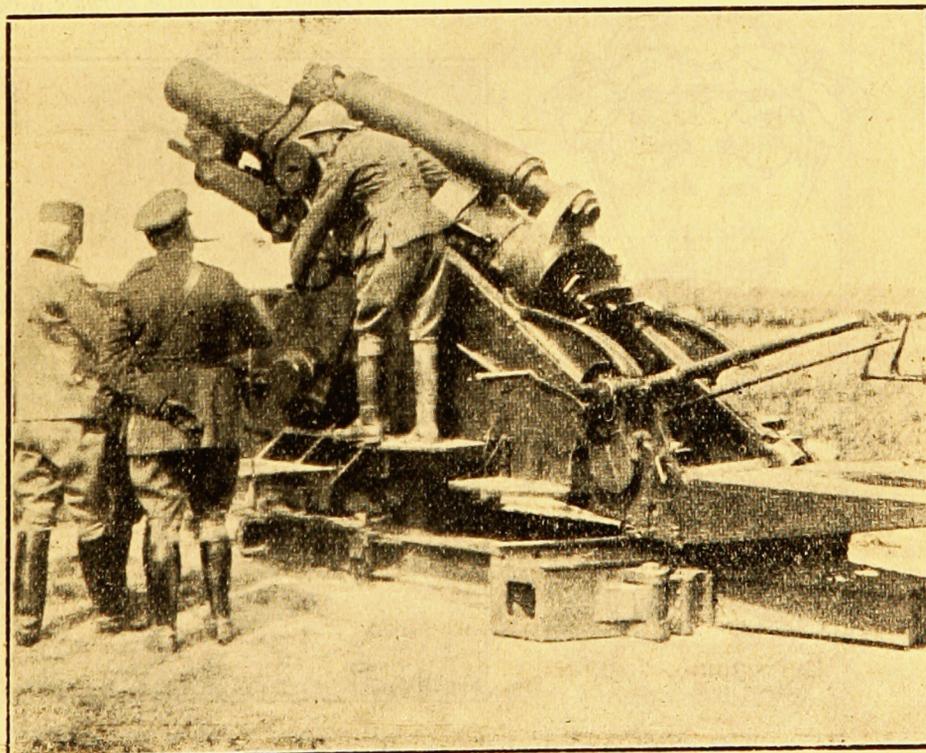
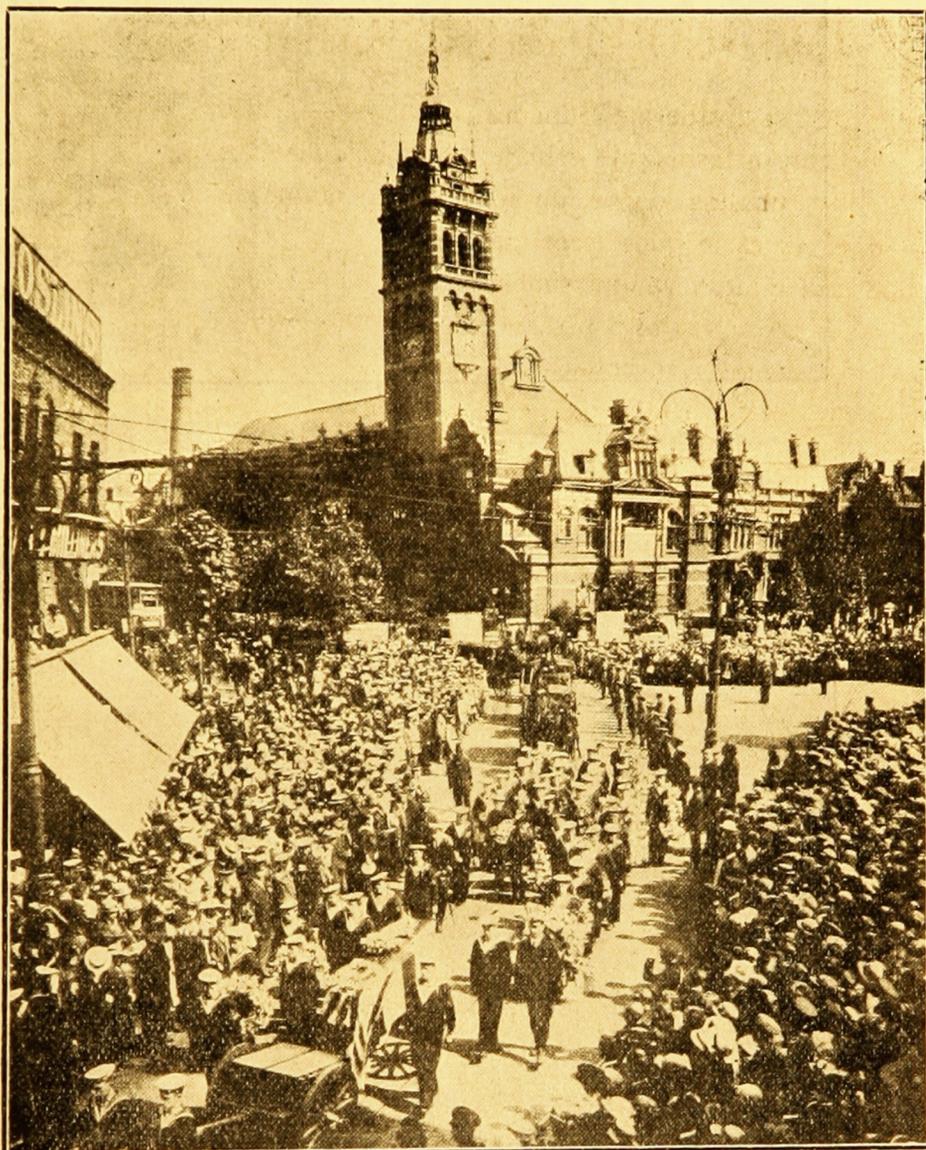
Em summa, brinquedos de archi-millionarios!



*O novo ministro servio em Londres. M. Yovanovitch.*



*A trajectoria do vôo nocturno realizado por Miss Katherine Stinson, em Nova York*



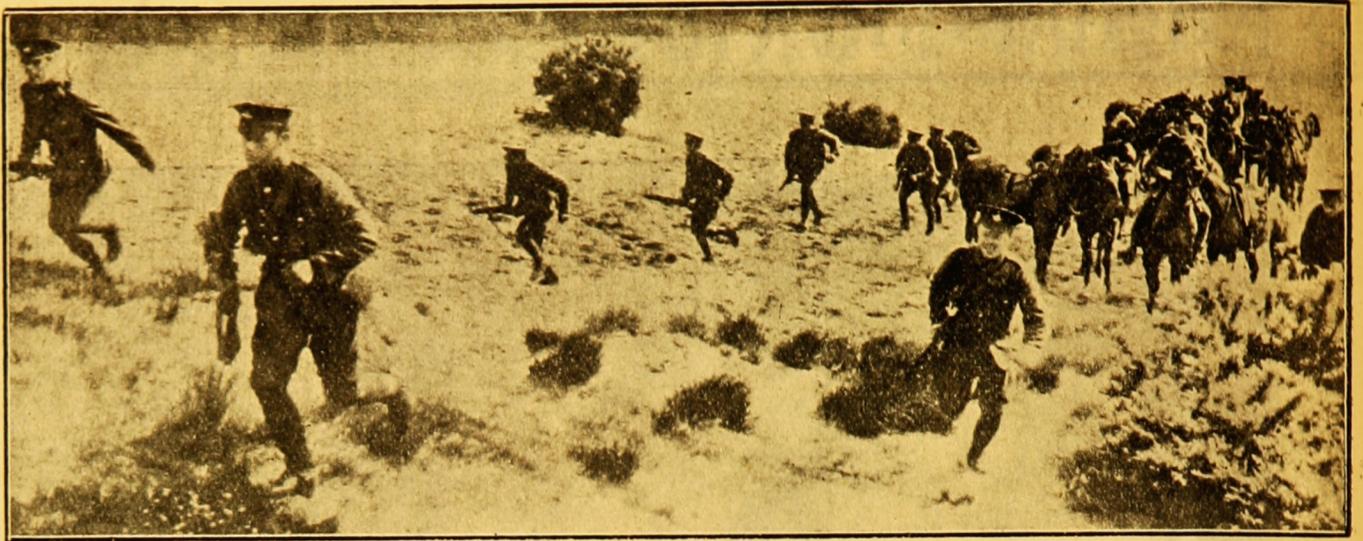
### Em Inglaterra

1—A nova carabina automatica Hotchkiss usada pelos ingleses.

2—O funeral do heroe de 16 annos morto na batalha da Jutlandia, Jack Cornwell.

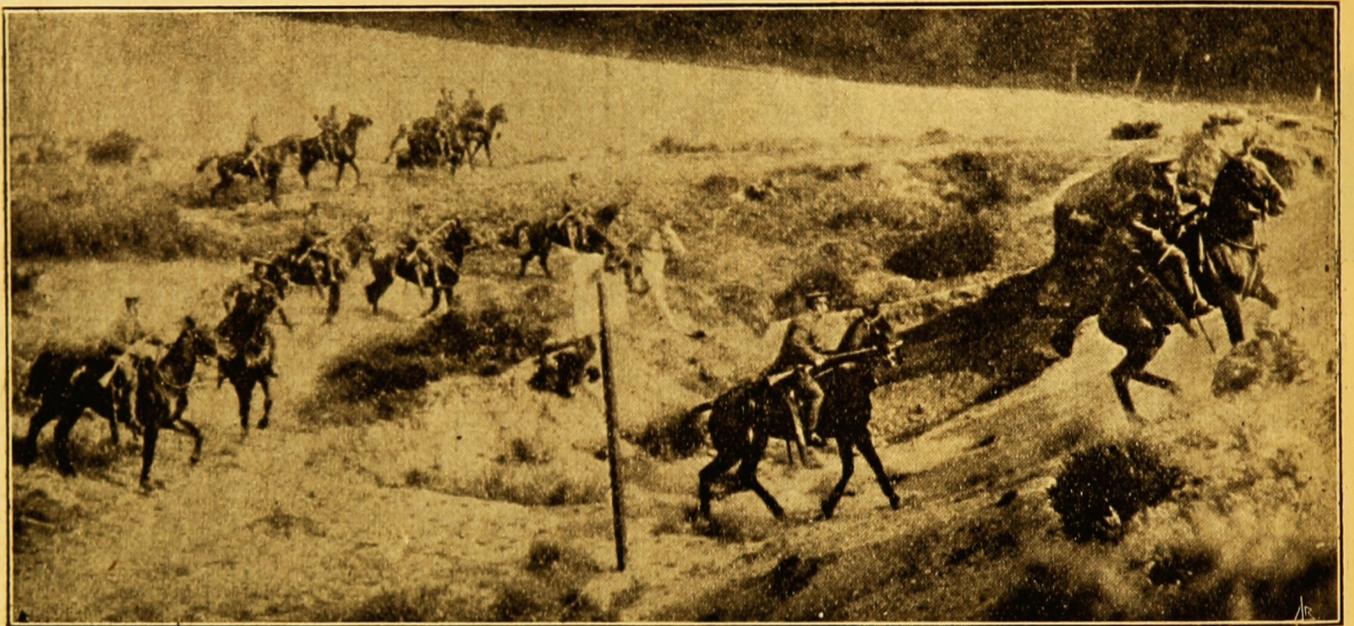
### Organisação do exercito belga

3—Um grupo de officiaes examinando um canhão de 210 millímetros do typo Howityn, feito em Inglaterra.

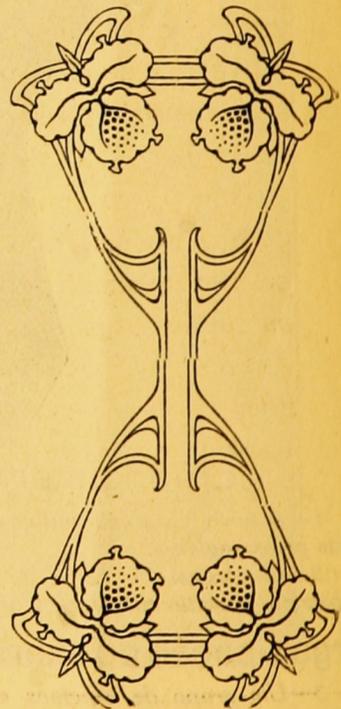
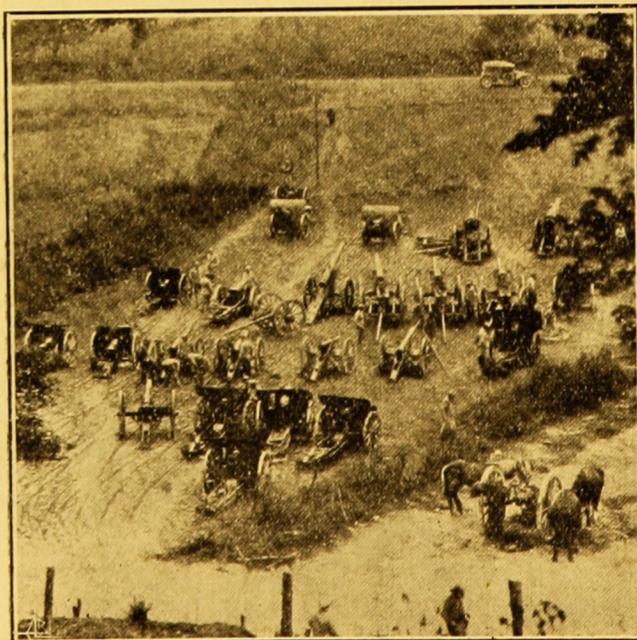
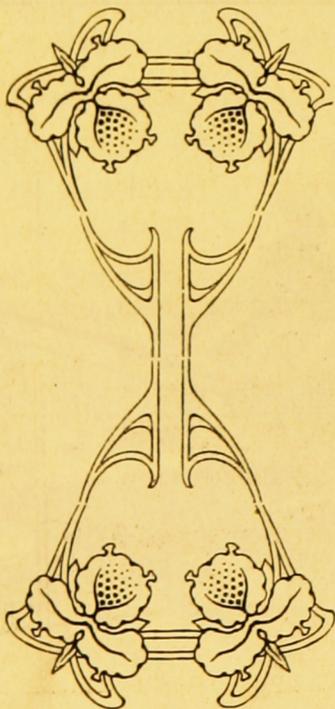


### Recrutados ingleses

*Uma patrulha em exercicio de ataque a pé*



*Dragões da guarda durante a carga*



### A offensiva dos aliados

*Grande numero de canhões tomados pelos francezes aos allemães*

# A CAMINHO DE BOMBAIM

## III

POR EDUARDO DE NORONHA.

**A** malograda expedição arreiga uma ideia collossal na mente privilegiada de Affonso de Albuquerque — a de rasgar uma via de comunicação que una o mar Vermelho ao Mediterraneo. E' tambem durante esse asperrimo cruzeiro que no seu cerebro admiravelmente equilibrado germina o plano de conquistar e destruir Mecca e Egista: . . . «nem tem armas nem gente: só ermitas; nas terras do Preste João ha innumeros homens e cavallos. Que poderão fazer trez mil mouros contra quinhentos portuguezes bem montados!» Achava a empreza de tão facil execução, que já a encarava como realizada.

Não persiste no plano. A armada sae de Camarão a 15 de julho. Arriba a Perim, que despresa, não a suppondo boa, pela mingua de agua, para alli construir uma fortaleza. Aporta a Aden em 25. A cidadella, de guarnição reforçada, aguarda resoluta nova investida dos portuguezes. Albuquerque, que conhece o preço da vida dos subordinados, não as quer sacrificar sem probabilidades de exito. Singra d'ali, sem iniciar novas hostilidades, a 4 de agosto, e fundeia, á vista de Diu, a 16.

Aproveita estas uteis lições de alta estratégia e de geographia commercial a perspicacia da Gran-Bretanha. Em 1538 os turcos apoderam se de Aden. No seculo immediato os ottomanos afrouxam nas suas pretensões ao Ymen, e o sultão de Sana declara-se suzerano da região. Dura esta supremacia até 1735. N'esse anno o xeque de Labej, repudia o seu feudo e enraiza ali uma dymnastia de chefes independentes. Em 1837 naufraga em Aden um navio inglez, os arabes maltratam e expoliam a tripulação e passageiros. A Inglaterra encontrara o pretexto desejado. O governo de Bombaim reclamara. O sultão compromette-se não só a pagar uma indemnisação pelo roubo commettido, mas ainda az uma promessa de venda da cidade e territorio adjacente. O capitão de mar e guerra Haines, da marinha indiana, parte para ali tempo depois para tornar effectivo o pacto assignado. O filho do signatario recusa-se a confirmar a extorsão soffrida pelo pae.

Presume-se o resultado. E' mandada ali uma expedição. A 16 de janeiro de 1839, a cidade entrega-se ás forças desembarcadas, e a ponta escavada, chave d'aquelles mares e terras, tão encarecida pelo maior dos nossos capitães passa a incorporar-se nas possessões coloniaes do Reino Unido. Recomeça a sua preterita magnificencia. Permuta generos remuneradores com o interior da Arabia; trafica com os productos naturaes da costa dos sanalis; estende as suas transacções á Abyssinia; amarra no seu solo candente os cabos submarinos que se prolongam até á India, ao Extremo Oriente, á Australia, a Zanzibar, ao Cabo; multiplica a população; recebe annualmente nos seus dois portos dois mil vapores, com milhões de toneladas de mercadorias, e conserva em respeito aquella nova Gibraltar, rodeada por prolificos povos que lhe são surdamente hostis, com uma simples brigada de tropas indús.

Como Affonso de Albuquerque vira longe e claro!

\*

Conduz-nos a Bombaim o vapor *Medina*. Sumptuoso hotel fluctuante, sulca a ondulação larga, uniforme, do mar da Arabia com uma velocidade de dezasseis milhas por hora. Tem egual nome ao do paquete que decorridos annos conduz na sua triumphante viagem á India o rei da Gran-Bretanha e Irlanda, Jorge V, e sua esposa a rainha Mary. Seria o mesmo?

Quando esse soberano e a sua régia consorte se dirigiram a Delhi, antiga capital da dominação mongol, para lhes ser cingida a fronte com o diadema imperial, em dezembro de 1911, houve ideia, a principio, do monarcha effectuar a viagem a bordo de um cruzador adaptado para esse effeito, mas depois o senso positivo dos inglezes reconheceu que era mais pratico e menos dispendioso fretar um *liner*.

Como o principe de Galles ainda, n'essa epocha, não contava a idade exigida para assumir a regencia, foi nomeada uma especie de conselho, constituido pelo principe Arthur de Connaught, arcebispo de Cantuaria, lord chancellor Robert Threeschic e presidente do conselho privado lord Morley, conselho que despachava nos negocios de simples expediente, por isso que o rei estava todos os dias em communicação directa com os seus ministros pela telegraphia sem fio.

Despediram-se do soberano em Portsmouth sua mãe a rainha Alexandra e a princeza Victoria. O paquete *Medina* foi escoltado durante todo o trajecto pelos cruzadores *Cochane*, *Defence*, *Argyle Natal*. A primeira divisão da *home fleet* e a primeira esquadra de cruzadores seguiram a embarcação régia até se avistarem terras inglezas, depois regressaram ao seu ancoradouro. Algumas d'ellas jazem no fundo do mar em consequencia da medonha conflagração que a todos traz sobresaltados.

O transporte da corôa especial, que mãos principescas collocaram na cabeça do soberanô, realizou-se em segredo e tomando a policia sérias precauções. O golpe de mão era de tentar. Attingia sommas fabulosas o preço das joias seguradas, conduzidas a bordo do *Medina*. Tambem as companhias de seguros arbitraram premios elevadissimos. O dilemma resumia-se no seguinte: Ou o *Medina* soffria qualquer percalço e significava a ruina d'essas companhias ou os objectos regressavam incolumes ao seu ponto de partida, e o dividendo d'esse anno a distribuir aos accionistas era dos mais pingues. Realizou-se esta ultima hypothese,

Voltemos á nossa viagem. Ao cabo de poucos dias avista-se Bombaim,

Ao deparar-se-nos o grupo de ilhas, hoje todas ligadas ao continente, que se disseminam pela soberba bahia, sentimos como um deslumbramento produzido por aquelle panorama de tintas violentas, cruas, estonteadoras. A transição, apezar dos dois dias de viagem, dos blocos torridos de Aden, para esta exuberancia de verdura de todos os cambiantes e gradações, para o magnifico e variado matiz das aguas, desde o tom accentuadamente glauco das profundezas abyssaes até o tom esmaiecido das saphiras de colorido ou de leve ceruleo, offusca-nos, como que aturde e assombra a retina extasiada e irritada por uma tão aspera prodigalidade de arrebiques.

Espectaculo de prodigios o d'essa cidade encantada e dos seus arrabaldes de uma fascinação tão avassalladora que perguntamos a nós proprios, que scenographo de phantasia delirantemente encandescida conceberia no seu cerebro desvairado pela febre e reproduziria n'um paroxismo de talento phenomenal tamanho acervo de sublimes maravilhas?! E' contemplando Malabar hill, a enxameante metropole e Back Bay que nós comprehendemos os patrioticos esforços das congregações franciscanas e jesuitas, ali estabeccidas, unicas que profestaram e se oppuzeram quando em 1665 os inglezes tomaram posse de Bombaim, levada em dote pela infanta D. Catharina de Bragança, quatro annos antes.

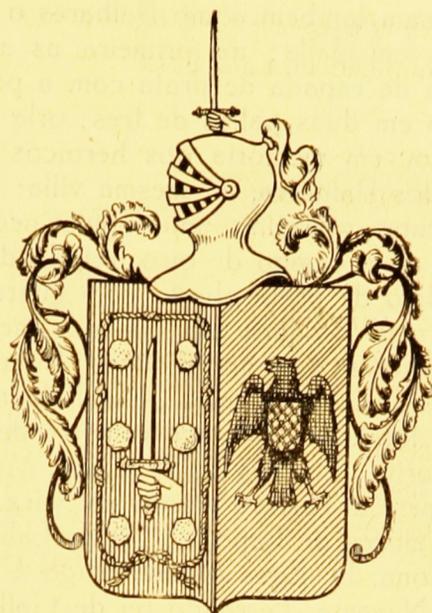
---

A vida do homem sobre a terra é uma pequena parte da sua vida; a outra parte d'ella, a que não ha-de nunca ter fim, começa á morte do corpo. Assim, quando nós somos victimas da destruição, é que nos tornamos indestructiveis; quando parece que tudo acabou para nós, é que nos esperam as recompensas ou as penas do bem ou do mal que temos feito,

Ou o preceito divino de fazer o bem e evitar o mal não é munido de sancção alguma, ou a sancção está toda na vida presente, ou é reservada para uma vida futura: d'estas tres cousas a primeira repugna manifestamente aos divinos attributos, a segunda é formalmente desmentida por uma experiencia constante, resta por tanto a terceira.



(Travessas)



(Lage)

# Casa das Travessas

Esta casa situada na freguezia do Valle, concelho dos Arcos de Valdevez, é das mais antigas e nobres do concelho e cabeça de um poderoso Morgadio, ao qual se uniram dois outros não menos nobres e illustres, os Morgadios da Lage e do Lombo, por casamentos que houve nas familias das tres casas.

Foi construida nos fins do seculo XVII, é de aspecto grandioso, apalaçada e com enormes salões em um dos quais, denominado *sala das armas*, se encontra pintado o Brasão que publicamos dos Marinheiros Falcões.

Tem a casa ao lado, como pertença sua, e a ella está ligada, por uma comprida varanda, uma encantadora capella dedicada a Nossa Senhora da Gloria a quem todos os annos o actual Morgado faz uma linda festa.

E' sem duvida esta capella uma das melhores do Minho sendo a melhor do concelho não só pela sua encantadora talha e pinturas, mas ainda pela sua grandeza e pela perfeição com que estão acabadas todas as imagens, que são coroadas de prata, sobresaindo a belleza da Padroeira, que ocupa o centro da tribuna.

Tem o importantissimo privilégio do Santissimo Sacramento permanente por Breve Apostolico de 1755, e nella se encontram sepultados todos os falecidos na mesma casa.

D'aqui téem saído homens de grandissima representação como: Duarte Nogueira Marinho Falcão, Cavalleiro Proffesso na Ordem de Christo; o irmão d'este Felix José, fidalgo muito rico e Morgado poderoso; seu filho Antonio Xavier Nogueira Marinho Falcão, Morgado, Monteiro-Mor, Capitão de Milicias; tres filhos d'este: Dr. Manuel Antonio, Capitão de Milicias e Morgado que morreu sem geração. Antonio Xavier, Morgado, Capitão de Milicias, Fidalgo da Casa Real, Pai do actual Morgado; Simão, Capitão de Granadeiros e outros ainda. Estes quatro ultimos tornaram-se bem notaveis nas guerras francêsas. Das Casas da Lage e do Lombo, de conhecida nobreza e antiguidade, saíram homens de não pouco valor nas armas, nas sciencias e nas letras.

O Brazão que publicamos é o que usam, como Marinheiros Falcões, os senhores d'esta Casa, e é esquartellado; no 1.<sup>o</sup> quartel as armas dos Falcões; em campo azul tres bordões de S. Thiago, de prata, postos em palla com os nós vermelhos e os ferros de oiro; no 2.<sup>o</sup> as armas dos Gomes: em campo vermelho um pelicano ferindo com o bico o peito para dar a seus filhos, que o cercam, o sangue que d'elle corre; no 3.<sup>o</sup> as armas dos Caldas: em campo de prata cinco ciprestes de verde em aspa; no 4.<sup>o</sup> as armas dos Marinheiros portuguezes: em campo verde cinco flôres de liz de prata em aspa.

Elmo de prata aberto guarnecido de oiro tendo por timbre o dos Falcões: um falcão de sua côr com um bordão no bico e pé direito. Paquife da côr dos metais e côr das armas.

Usam também como Palhares o seguinte escudo, que é o Brazão da casa da Lage: partido em palla: na primeira as armas dos Palhares em campo vermelho, uma mão armada de espada de prata com a ponta para cima com guarnições de oiro e seis pães de oiro em duas pallas de tres; orla do escudo o cordão de S. Francisco, Padroeiro de Monção, em memoria dos heroicos feitos praticados pella heroína Deu-la-Deu, ascendente dos Palhares, na mesma villa; na segunda palla as armas dos Corrêas de Farelães: em campo vermelho uma águia negra com bico e pés doirados, tendo no peito um escudo com campo de oiro fretado de corrêas vermelhas, repassadas umas pelas outras.

Elmo de prata aberto com guarnições de oiro, e por timbre a mão com a espada das armas. Paquife da côr dos metais e côr das armas. Os senhores d'esta casa são descendentes dos nobilissimos Soares de Tangil, Pereiras de Castro de Sopegal, D. Vasco Marinho, Mosem John Falconeth, Britos da casa de Aguiã, D. Garcia de Caldas, senhor fundador do Paço e Torre de Vascões, Lopo Barriga, Adail de Çafim, Barbosas de Aborim, Corrêas de Farellães, Magalhães, senhores da Barca, senhores da Torre de Bacellar, da Torre e Honra de Mira, Paço de Lara, da Torre e Honra de Abreu, Alcaides-môres de Lapella, Castro Laboreiro, Melgaço e Valladares, Regedores Perpetuos de Baiõna, D. Egas Moniz, Hugo Capeto, Flavio Recaredo, D. Garcia «O Temeroso», rei de Navarra, Ferrando rei de Galliza que hospedou o Apostolo S. Thiago de quem recebeu o Baptismo juntamente com sua mulher, D. Ramiro III, rei das Asturias, D. Afonso IX rei de Leão, Henrique II rei de Inglaterra, D. Affonso Henriques e D. Affonso III, reis de Portugal etc., etc., e estão aparentados com as mais nobres e illustres casas e familias portuguezas e ainda hespanholas, como: casas de Bragança, Lamoso, Calheiros, Paço Vedro, Mantellães, Pias, Sub-Deveza, Fernandeira, Alentem, Paço de Souza, Aguiã, Prelada, Avelar, Arrochela, Sinde, Pindella, Torre de Refojos, Casaes, Perestrellos, Pomarchão, Ameal, Agrella, Deuchriste, Warneck, Valmelhorado, etc.; Duques de Cadaval, Caminha, Aveiro, Marquezes de Castello Rodrigo, Gouvêa, Montalvão, Villa Real, Condes de S. Martinho, Almada e Avranches, Linhares, S. Miguel, S. Lourenço, Bertandos, Torres Vedras, Vidigueira, Obidos, Portalegre, Duques do Infantado, Medina-Sidónia, Penātanda, Villa-Hermosa, na Hespanha, com os herdeiros dos Almirantes de Castella, dos principes de Esquilhache, com os descendentes de S. Francisco de Borja que foi 4.º Duque de Gandia, 1.º Marquez de Lombarga e 1.º Geral da Companhia de Jesus, Duques de Alcalá, Marquezes de la Sierra, de Tenorio, de Castellar, grandes de 1.ª classe, Condes de Molares, grandes de 1.ª classe, de Crescente, de Valvedes, principes de Ligne Senescal de Flandres, senhores de Moz, na Galliza, Adiantados de Andaluzia, Marquezes de Mirabel, na França, etc., etc., etc.

E' da casa das Travessas o Delegado do Procurador da Republica na comarca de Vieira, doutor Antonio Xavier de Palhares Nogueira Falcão, casado com D. Zulmira Rosa de Barbeitos da Silva de Palhares Falcão, filho de Antonio Xavier de Palhares Nogueira Falcão, actual senhor dos Morgadios das Travessas, da Lage e do Lombo, bem como das mesmas casas que todas são nobres e muitas antigas, que no tempo da Monarchia exerceu por diversas vezes o cargo de Vereador da Camara dos Arcos, e de D. Agueda Rosa Cerqueira de Palhares Falcão. D'este matrimonio houve mais os seguintes filhos, todos vivos:

D. Maria Rosa, casada com Joaquim Cerqueira da Rocha Varajão, descendente das nobres familias Pereiras da Cunha, Barriga, Pereiras de Castro, Varajão de Lima, Galdas do Paço solar de Vascões e outras, residentes na casa da Lage: José, D. Joaquina, Bento, Mario, D. Olivia e Manuel. Do segundo matrimonio com D. Francisca da Cunha Lima de Palhares Falcão ha D. Maria de Jesus. Neto de Antonio Xavier de Palhares Nogueira Marinho Falcão, fidalgo de Sua Magestade, capitão de Milicias, senhor dos Morgadios das Travessas, da Lage e do Lombo e das muito nobres casa da Barreira, em Valença, onde foi vereador da Camara, de Moulães e dos vinculos e casas de Penagude, Cordeiros, onde, com seu marido, viveu Deu-la-Deu, que se assignou Martins de Palhares, e que nos descendentes se conservou até á morte d'este Morgado, Esturãos em Ponte do Lima, Quintas-Miras, Portozello, S. Pedro da Torre, S. Miguel de Fontoura, Fontainha, etc., etc., e de D. Maria Thereza de Brito Ferreira de Palhares Falcão.

2.º neto de Antonio Xavier Nogueira Marinho Falcão, Monteiro-mór dos Arcos, capitão de Milicias, Vereador da camara, Almotacé juiz da confraria do Senhor, provedor da Misericordia, logares estes que nos Arcos eram desempenhados só por pessoas nobres, senhor dos Morgadios das Travessas, da Lage e do Lombo e dos mesmos vinculos que seu filho herdou e de D. Anna Luiza de Palhares Caldas de Barbosa de Sot-to-Maior, da casa da Barreira em Vallença. Este Morgado desempenhou cargos importantes quando das guerras francezas de 1807-1810. Pelo Commando General lhe foi dado o direito de escolher no districto das ordenanças, sessenta homens dos melhores atiradores para elle commandar no desempenho das diligencias do real serviço.

Quando, no fim da guerra, se recolhia á sua casa das Travessas, foi pelo Quartel General de Villa Real, onde elle se encontrava, passada ordem ás auctoridades militares e civis para que o não embarçassem no seu caminho. Tinha o direito de se fazer acompanhar, de duas ordenanças e um guia que podia exigir das auctoridades civis e militares por onde passasse. Offereceu grande quantidade de generos para as tropas que então se encontravam destacadas na villa dos Arcos e um lindo cavallo para a remonta.

(Continúa).

# Monte Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

● clérigo d'ordem sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga, ou ao Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monsão; ambos são socios correspondentes do Monte Pio.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o general dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o general dos socios residentes fóra de Lisboa.

## Frigideiras e Restaurante

# CASA DO CANTINHO



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

## MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

## MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Francos de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—TUY.

## Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Ferreira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

## Hotel e restaurante

Garrido

VIZELLA

Este afamado hotel está situado no centro da povoação e muito perto do estabelecimento dos banhos.

Bom e limpo serviço de mesa, quartos arejados e luxuosos. Seriedade em todos os seus contractos. (80)

Dirigir ao proprietario

José Garrido Vasques

# As Egrejas



Monteiro Borges — PORTO

Ruas do Sol e da Batalha. — Endereço Telegraphico — Fabrilculto — PORTO

*Fornecem-se d'esta casa por ser a mais completa no seu genero em Portugal.*

ALFAIAS

Ricos modelos em objectos de prata, cristofle, metal e cristal fino

PARAMENTOS

O primeiro *stok* de paramentaria e os maiores *ateliers*.

IMAGENS

A mais bem montada officina de *Esculpturas religiosas em madeira* mas só de madeira, as quaes poderão ser admiradas atravez dos seculos.

*Faça-se um confronto.*